

Carta a Guimarães Rosa

Cicero Cunha Bezerra

Departamento de Filosofia/UFS

Caro João,

Finalmente sua carta chegou-me às mãos. Estive, nesses últimos meses, lendo-a atentamente e confesso que ainda permaneço um pouco em dúvida com relação à sua pergunta sobre como somos no visível. Concordo que não podemos recorrer simplesmente às fotografias nem às experiências puramente sensíveis dos nossos olhos que se entrecruzam nos vários espelhos que nos cercam. Também sou obrigado a confessar que, embora tenha estudado, como o senhor mesmo observa em sua carta, não sei de fato o que venha a ser um espelho, a não ser tomando-o conforme descreve o nosso Aurélio, segundo o qual espelho é: “Superfície refletora constituída por uma película metálica depositada sobre um dielétrico (geralmente vidro) polido, ou pela superfície de um corpo metálico polido”. Isso é um espelho ou não? Na verdade nunca experimentei algo próximo disto que o senhor chama de “experiência transcendente”. Por certo não é algo de pouca monta já que envolve “raciocínios, intuições e muito esforço”. Quem sabe, talvez o senhor esteja certo quando afirma que o motivo de não percebemos as “coisas mais importantes” é porque permanecemos “distráidos”.

De fato a descrição disto que o senhor chama de “experiência” me fez lembrar de uma passagem da *Eneida* VI, 9, 7 de Plotino, na qual lemos:

é necessário prescindir de todo exterior e voltar-se totalmente para o interior: não estando inclinado a nada externo, mas ao contrário, ignorando-o completamente; primeiro com a disposição do ânimo e logo com a liberação de toda forma, e ignorando-se a si mesmo.

O senhor a conhece? Tenho certeza que sim. Lendo seus textos e alguns trabalhos dos seus críticos, estou convencido das raízes neoplatônicas e cristãs da sua obra. Cristianismo na sua fórmula mais originária, isto é, aquele que aparece em *Grande sertão: veredas* como “sede de Deus” ou como *mistério*, afinal, como o senhor mesmo observa, “Deus existe, mesmo quando não há. É urgência sem pressa”. Aquele cristianismo que, neoplatonicamente, descreve o mal como privação e ausência de ser e, principalmente,

aquela vertente helenizada que pensa o diabo como *diá-bolos*, como o que divide e o que caracteriza a própria natureza transitória do homem enquanto “travessia” entre o ser e o nada. Somos nonada, ou seja, trânsito. Sobre isso, muito já foi dito e o senhor mesmo já em carta ao seu tradutor Edoardo Bizzarri ressaltou seu espanto ao perceber como as novelas, *a posteriori*, desenvolvem temas que remontam às *Eneadas* de Plotino.

De maneira que o que farei aqui será somente aproximar sua experiência de uma outra que li tempos atrás e que parece-me convergir para o que o senhor chama de “nascimento abissal”. Trata-se na verdade de um poema de um místico medieval, neoplatônico do século XIII, chamado Mestre Eckhart. O título do pequenino texto é *Granum sinapis* (O grão de mostarda). Neste poema o autor faz referência a uma escalada da alma descrita como “escalada sem ação”. É curioso, o senhor deve saber, que todas estas experiências sejam descritas sob o signo da negação. A sua descrição mesma fala de um aprender a “não-ver”, em um “olhar não-vendo”. Realmente é um aprender, uma vez que é um exercício. Exercício que será descrito por muitos místicos medievais como um verdadeiro desasir-se de todas as coisas, inclusive de si mesmo (*abnegare se ipsum*). Permita-me citar uma passagem do poema de M. Eckhart que diz: “seja como uma criança, seja surdo e cego! Teu próprio eu há de ser nonada”. Como se pode ver, trata-se de uma supressão de toda imagem que seguramente passa, como o senhor mesmo observa, pelo *modus* de focar as coisas. Um modo que, nas palavras de Eckhart, é *sem modo*, dado que quem busca compreender a real natureza das coisas segundo um modo toma o modo como imagem e perde o que se oculta no modo.

Nesta perspectiva, o *anulamento perceptivo*, descrito em sua carta, me pareceu extremamente próximo da metáfora plotiniana do escultor, fonte da obra de Eckhart, que foi retomada pela tradição mística medieval, graças à *Teologia mística* de Dionísio, o Pseudo-areopagita, como uma experiência de nadificação que conduz ao que ele nomeia de *fundo-sem-fundo* da alma humana, diz Dionísio: “dedica-te à contínua exercitação nas maravilhas místicas e renuncia às percepções sensoriais e às atividades intelectivas, deixa tudo o que pertence ao sensível e ao inteligível e todas as coisas que não são e as que são”.

Será que estou exagerando nas aproximações ou realmente é isto o que ocorre quando o senhor diz que realizou, ao buscar sua *vera forma*, uma *supressão* de todos os componentes, excluindo-os, a ponto de sentir dores de cabeça e abandonar sua experiência por covardia em um primeiro momento? Perdoe-me se estou fazendo uma interpretação fora dos limites, mas confesso que ao ler sua descrição de imediato me veio à mente, como já ressaltai, esta imagem do “escultor” utilizada por Platão e pela tradição neoplatônica para descrever o caminho que conduz à beleza; ah! tem uma outra passagem de Plotino significativa, diz ele:

Retire todo o superficial, alinhe todo o retorcido, limpe e abrilhante todo o escuro e não cesse de “esculpir” tua própria estátua [...] se chegaste a ser isto, se viste isto, se te uniste limpo contigo mesmo sem ter nada que te estorve [...] te verás transformado nisto [...].

Minha pergunta é: sentiu-se transformado? Se não estou equivocado o senhor diz que viu algo como uma “luzinha”, uma débil cintilação e radiância comovedora que lhe sobreveio logo após alguns minutos de “nada enxergar”. Pois bem, Mestre Eckhart também fala no seu *Sermão 48* desta “luzinha” que está na alma, incriada e incriável. Segundo ele, é através desta centelha de luz que brilha no fundo da alma que Deus se manifesta despido como ele é em si mesmo, por essa razão, é descrita como “nascimento interior”. Um nascimento que não se satisfaz, paradoxalmente, com o ser divino, mas que quer penetrar no mais íntimo, no deserto silente, lá onde nenhuma diferenciação jamais penetrou. Por falar nisto o senhor conhece aquela distinção que tem suas raízes também em Platão, mas que ganha forma, de maneira mais específica, em Agostinho e Avicena, que divide a alma em duas faces? Uma inferior voltada para os sentidos e outra superior para a eternidade? Pois bem, Eckhart retoma esta distinção e diz que a face da alma superior é como uma luz brilhante que resplandece todo o tempo, como uma brasa incandescente. Lá estamos nós fugindo do silêncio que cabe às coisas que não se devem entrever. Mas são tantas imagens...

O fato é que o estado descrito pelo senhor como “o sem evidência física”, ou “o brilhante e polido nada” que não espelhava nem mesmo os seus olhos, é algo tão recorrente na tradição mística medieval que mesmo correndo o risco de ser acusado de falta de rigor filosófico, algo que se espera de um douto, botarei também “os bois atrás dos carros e os chifres depois dos bois” e lhe direi também, em segredo, que nenhuma outra imagem me sobreveio para expressar este *brilhante e polido nada* que a do sertão da minha infância, não simplesmente do sertão que espelha a morte e as pedras, mas daquele que está em tudo, como o senhor mesmo diz. Que espelha tudo na mais profunda ausência. Que é tudo e que reduz tudo a esperança e memória. Sertão é deserto que não tem lugar nem tempo. É a estreita senda para aqueles que ousam abandonar o caminho e, como nos diz Eckhart, atravessa todo ser e todo nada. Bom, mas vamos deixar isso para lá, porque é coisa de sertanejo. Quero pensar sua experiência a partir de uma outra idéia que me parece mais própria para falarmos do que chamou de “nascimento abissal”: o amor. O senhor conclui sua carta dizendo que quando se viu em sua forma mais própria, já amava. Era um novo rosto, um “ainda-nem-rosto”, um “rostinho de menino”, de “menos-que-menino”. Diria Eckhart de “não-nascido”, ou melhor, de eterno. O que sou segundo o que é natividade há de ser aniquilado, pois, como nos diz ele: “segundo o modo de meu ser não-nascido, fui eternamente e sou agora e permanecerei eternamente”.

O tema do nascimento é decisivo na mística renana. Eckhart encontra na própria imagem de Cristo a expressão da inocência que tem como fim a alegria:¹

Cristo disse: “Quem quiser me seguir, tem que negar a si mesmo, tomar de sua cruz e me seguir” (Mat. 16:24, Mc. 8:34). Isto é, atirar fora toda lamentação, para que a alegria perpétua reine em seu coração. É desta forma que a criança nasce.

Em outra passagem lemos:

Assim, se a criança nasceu em você, então você tem uma tal alegria em toda boa ação que seja feita no mundo, que esta alegria se tomará permanente, e nunca mais mudará. Assim Ele diz: “Ninguém te tirará tua alegria” (João 16:22).

Como o senhor pode ver, e como já disse alguém por ai, “a alegria é a prova dos nove”. A alegria que tem nas crianças o símbolo de uma compreensão do mundo como abertura e entrega. Semelhante àquele Menino que o senhor narra no seu conto *As margens da alegria*, que sorrir para si, confortavelzinho, com um “jeito de folha a cair”. Este sentimento de esperança: ao não-sabido, ao mais, deste menino que se entrega às satisfações antes da consciência das necessidades, é o que me parece servir para pensar esta sua experiência de nascimento abissal. Creio que, do mesmo modo que aquele menino olhava o móvel mundo pela janela do avião, no seu conto *As margens da alegria*, e tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente, o senhor também contemplou aquele espelho e nele viu o mundo, suas certezas e eternidade, se desfazerem no *grão nulo de um minuto*, restando somente o misto de comoção e alegria, como aquele menino que frente às trevas da negra mata contemplou a luzinha verde do vagalume e recuperou a alegria dos seus sonhos.

O senhor conhece a estória do encontro de Mestre Eckhart com um menino nu? Pois bem, durante muito tempo se contou que Mestre Eckhart teria encontrado um garoto e desenvolvido a seguinte conversa:

De onde vens? Perguntou Eckhart
Venho de Deus, disse ele.
E onde o deixaste?
Nos corações virtuosos.

1 Videte Qualem...

Para onde vais?
Para Deus!
Onde o encontras?
Onde larguei todas as criaturas.
Quem és tu?
Sou um rei!
Onde está o teu reino?
No meu coração.
Toma cuidado que ninguém o compartilhe contigo!
É o que faço.

Então Mestre Eckhart teria conduzido o menino até sua cela e dito: toma a veste que queiras! E ele respondeu: deixaria de ser rei. E desapareceu. Segundo os que contavam esta estória, teria sido o próprio Deus que viera divertir-se com ele. Finalmente, com relação à sua última pergunta, se a vida consiste em experiência séria, confesso que depois de ler sua carta diria que é uma questão de náutica, isto é, de navegação. Implica técnica e sabedoria, não destas planificadoras que “reduzem as coisas a cilindros”, mas sabedoria de criança que contempla a *aparição angélica dos papagaios e as pitangas e seu pingar* e sabe que nunca estamos preparados diante do imponderável fluxo das coisas, que ocorrem de modo inesperado, ou porque trazem consigo sempre, lado a lado o sofrimento e a morte. O senhor está certo, elas sempre são roídas pelas horas, são desmanchadas...

Perdoe-me pelo tom, talvez nostálgico, mas não tem nada de nostalgia, principalmente se pensada como um saudosismo estéril. No fundo o que estou tentando expressar é um tipo particular de ver o mundo marcado pela liberdade frente ao próprio mundo. Liberdade entendida como um certo filósofo, cujo nome não me recordo, descreveu com a palavra *serenidade (Gelassenheit)* para com as coisas. Isto quer dizer: deixar que as coisas repousem, descansam em si, como algo que no mais íntimo e próprio de nós mesmos não nos concerne. É, meu amigo, o senhor tem razão ao afirmar que as coisas vão sempre ficando mais pesadas, *mais coisas* quando olhadas sem precaução. É como olhar-se no espelho e ser incapaz de encarar o que não se mostra, a não forma. Êpa! Nada de pessimismo, é de alegria que estou falando. Alegria de menino ao ver o “tucano comer frutinhas na dourada copa”, só aquilo. Só tudo. Não sei se com isto destruimos a ilusão de vivermos em agradável acaso, sem razão alguma, mas com certeza é assumir a ótica do “sem porquê” tão bem descrita por Mestre Eckhart no seu Sermão *In hoc apparuit caritas dei in nobis* (Deus se manifestou, por amor, em nós) quando diz que a vida vive do seu próprio fundo e de lá brota. Neste sentido, viver sem “porquê” é amar sem “porquê”. É neste amor incondicional à vida que todas as coisas se tornam inesquecíveis e podemos saltar, como menino, do “caos pré-inicial à vida”. Será que compreendo bem? Estaria cometendo um erro se interpretara este caos como o nada que nos acossa? Sem mais, agradeço sua carta e as belas imagens das suas estórias.